

TERRA

Semanário Anarquista

LISBOA, 3 de Julho de 1913

LIVRE

N.º 21-1.º ANO

Dirêtor: PINTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 87

PREÇO 20 RS.

IGNORANCIA DAS MULTIDÕES

O tristíssimo e lamentavel caso do dia 10 de junho, contra o qual todas as pessoas de coração desde as mais reacionarias ás mais avançadas protestaram, veio mais uma vez demonstrar-nos quanto é difficil uma ideia nova, generosa, altruista e humana ser compreendida e assimilada pelas camadas sociais, pela grande multidão de individuos que seriam os proprios beneficiados com a realização desse ideal, mas que a mesquinhez da sua intelligencia, ou antes as trevas em que a ignorancia a mergulhou tornam ainda lonjiquo e fugaz.

Dá-se isto com todas as ideias novas. Se lançarmos, um rapido golpe de vista sobre a historia da Humanidade encontramos sempre uma luta intensa entre os conservadores, os defensores do passado e aquêles que possuindo um espirito mais vasto, uma alma mais anciosa de progresso vão pelo tempo fóra, divisando já, embora lá muito ao lonje, sem saber quando, mas sentindo a realidade dessa transformação porque aneiam, e que virá dar bem mais felecidade e alegria aos homens. Quantos martires não fez o Cristianismo, que foi sem duvida, um movimento de reação contra a opressão e tirania da devassidão do grande imperio romano? Que soma de energia não perderam esses cristãos sinceros que procuravam pregar a igualdade entre os homens, embora não seja essa igualdade a que nós hoje aspiramos sem intervenção divina, mas que ninguem sincero poderá negar que tinha alguma coisa de bom e de generoso para a sociedade desse tempo? Quando foi que sem sacrificio e luta uma pequenina parcela de liberdade pode ser conquistada?

Mesmo já em nossos dias para a implantação do Constitucionalismo correram rios de sangue, houve martires da liberdade, dessa liberdade ficção que de pouco serviu para o progresso dos povos, mas que foi preciso impôr pela força a uma multidão estúpida e ignorante que sem saber porquê, simplesmente porque não desejava que o estado da sociedade, bom ou mau, sofresse qualquer

desiquilibrio, queria conservar.

Quando o ideal republicano começou a aparecer em Portugal, os que o defendiam eram apodados de inimigos da sociedade, de pedreiros livres, de assassinos que só queriam o mal da sua patria e eram olhados com desconfiança e receio.

Recordamo-nos muito bem de nos contarem que na nossa terra, um meio pequenino, havia umas senhoras que ninguem visitava e com quem todos tinham cortado as relações, porque um irmão era republicano e maçom!

Com o caminhar dos tempos foi-se a massa habituando a pouco e pouco a ver os republicanos com menos odio até que, sempre a ignorancia e inconsciencia, os chegou a adorar como deuses!

Aparece o anarquismo. Oh! horror, todas as iras da multidão se voltam para êle. E' o estermínio da sociedade, a dissolução da familia, a devassidão dos costumes, a volta aos tempos do comunismo selvajem, o regresso ao cáos!

E todas estas afirmações gratuitas, sem um pouco de estudo sobre as causas scientificas e sociais que determinaram o aparecimento dessa nova escola sociologica e filosofica. Mas, êste criterio é professado só pelos ignorantes? Não. E' tambem por aquêles que tem obrigação, pela cultura intelectual que possuem, de ver as coisas sobre um outro prisma.

Fa-lo-ão por maldade? Talvez alguns; não sabemos. E muitas vezes, a maior parte crêmos, é porque não tem força para reagir contra o existente, a a sua inercia e falta de corajem leva-os a aceitarem como bom que eziste mau e a condenar como mau todo o bem cujo advento precisa de vontade, de intelligencia e de dispendio de força moral e fisica.

Não ha atentado pessoal, quer seja praticado na Russia autocrata e imperial ou na livre e republicana America, enfim em qualquer ponto da terra, que a imprensa burgueza e a multidão inconsciente não atribuam immediatamente sem mais reflectão aos anarquistas, sem se quer pensar que a maior parte das vezes tal acto em

nada beneficia o nosso ideal, nem podia de forma alguma ser o resultado da propaganda duma ideia tão justa, tão humana, como é o anarquismo verdadeiro e sincero.

E' certo que muitos dos autores de tais atentados dizem possuir ideias avançadas e proceder assim para livrar a humanidade de mais um tirano, e julgam em sua consciencia ter procedido muito bem.

Mas que culpa temos nós que tal suceda? Não basta dizer que possuímos um ideal, é necessario proceder em harmonia com êle.

Não ha partido, associação ou qualquer outro agrupamento de homens que não tenha infelizmente no seu seo inconscientes, desiquilibrados e não poucas vezes tartufos, sem que todavia essa colectividade possa ter a responsabilidade de atos individuais. Mas a multidão estúpida e ignorante não destrinça, não vê, e acirrada pelos que vêem, mas que tem conveniencia em finjir-se cegos, indigna-se, barafusta, pede o aniquilamento e o estermínio daqueles que levados por um ideal de progresso, de paz, de amôr e de liberdade real, só querem uma sociedade mais justa, onde todos sem distincção possam usufruir o mesmo conforto, o mesmo bem estar, mas que ainda não foram compreendidos e que estão como que deslocados nesta sociedade de igoismo, de vaidade, de iniquidade e de injustiça. A sua ideia é muito nova e como tudo que não é tradicional e velho é alcunhado de utopia.

O anarquismo porém já não é uma utopia senão para aquêles a quem conviria que nunca fosse realidade.

Ele é tão científico, tão natural que quer queiram, quer não hade atinjar o seu desenvolvimento, porque se prende com as leis imutaveis da evolução.

Nasceu com as descobertas scientificas do seculo XVIII, derivou das novas concepções filosoficas e sociais que revolucionaram a Europa na ultima metade do seculo e que fizeram dar ás sociedades uma feição perfeitamente nova. E' uma lei natural e lojica que não póde succumbir, sem deixar vislumbres da sua passagem.

O que é o anarquismo? E' a consciencia da moderna interpretação dos factos scientificos e sociais, é como diz Kropotkine

no seu belo livro "La Science Moderne" o reconhecimento dos direitos do individuo quando até agora só se tinham reconhecido os direitos do Estado, tal como a ciencia explica os grandes fenomenos da Natureza pela ação dos infinitamente pequeno, quando outróra só via a ação das grandes massas."

Desde que o vapor e o telegrafo aboliram as distancias e aprócimaram os homens, que a ciencia, a arte, a literatura e a filosofia rasgando trevas abriram novos horisontes de paz e solidariedade, pois que as descobertas scientificas as concepções filosoficas, os voos da arte e da literatura não cabem no acanhado ambito das fronteiras impostas pela força das armas, que os povos se solidarisaram, o anarquismo apareceu como uma aspiração de perfeitabilidade humana que será a corôa moral de todo o progresso realizado pela Humanidade.

Podem continuar a por-lhe obstaculos a impedir a sua propaganda com leis tolas e sem resultado, a perseguir, caluniar, e atirar com os seus defensores para o fundo lugubre das enxovias ou para as incertezas do desterro que êle ha de triunfar, porque é humano, porque é justo e mais ainda, porque é científico, lojico e em harmonia com toda a evolução da Humanidade.

Ha de ter de sofrer ainda uma luta insana, gigantesca com os detentores do poder, os defensores dos privilegios e regalias atuais, sem duvida, mas por fim tudo se ha de submeter e o triumpho será tanto maior quanto maior for a energia dispendida para o alcançar.

Não se dá o mesmo no campo da ciencia pura?

Quantos martires não tem a ciencia? Galileu foi queimado por afirmar que a terra se movia, outros foram obrigados a retratar-se para não ter igual sorte. Todas as verdades scientificas tem sido primeiro contestadas e ridicularizadas mesmo, até serem compreendidas pelas multidões.

Lamarck 50 anos antes de Darwin tinha afirmado o transformismo, mas só passado meio seculo e ainda com grande difficuldade e suspeita, a sua obra foi aceite. Haeckel, ainda com muita critica, é que consegue finalmente que as teorias de Lamarck e Darwin sejam consideradas verdades scientificas.

Em sociologia então mais difícil se torna fazer a propaganda duma ideia, principalmente quando isso vai ferir de morte as ambições e privilégios dos opressores e dos senhores absolutos do grande patrimonio comum.

Mas descansem que tudo se ha de conseguir.

O que precisamos porem fazer para atingir a alvejada meta?

Derramar muita luz nos cerebros obscurecidos dos omens, formar os espiritos infantis com uma nova orientação de forma a fazer deles homens conscientes e vontades firmes que saibam distinguir bem, o verdadeiro do falso, o util do prejudicial. Discutir, falar, argumentar o anarquismo, em toda a parte e a todos os instantes, fazendo assim a constante educação. Educar é o dever mais nobre e mais eficaz do revolucionario.

Terminando diremos com Réclus:

Educar é revolucionar.

DO NATURAL

Eram desesseis primaveras, calmas e radiosas, que eu tinha ali, nos meus braços, gulosamente, carinhosamente, como um feixe de flores raras...

Estávamos num pequeno jardim solitario. A lua subia, no orizonte placido, como um redondo aerostato de prata e o ceu, sem uma nuvem, esplendia sobre nós como uma cupula enorme de cristal azul...

— «Como tu és linda!

Ela baixou a cabeça de oiro e sorriu-se. Mas o seu sorriso era triste como o sorriso de uma enferma...

— «Gosto muito de ti! Acreditas?

E cinzia-lhe, nervosamente, o busto delicado, beijava-lhe, doidamente os fartos cabelos de oiro, os grandes olhos profundos e sismadores...

— «Acreditas?»

— «Sim...» — jemeu ela, melancolia e langorosa, abandonando-me o seu corpiço gracil, duma fragilidade de andorinha. — «Acredito...»

Mas um fundo suspiro sublinhou, tristemente a sua resposta...

Foi então que, pela primeira vez, reparei na palidez excessiva do seu rosto de anjo — de anjo caído do ceu da inocencia no inferno de todas as perversões humanas...

Tremia como um vime. Grandes lagrimas rolavam dos seus olhos de safira...

— «Que tens?» acudi, sobressaltado,

Ella ocultou o rosto entre as mãos e não me respondeu.

— «Que tens? — repeti. — Que tens tu?»

— «Nada... Não tenho nada...»

E desatou a soluçar.

— «Mentes!» — censurei, suavemente.

— «Já te disse...olveu-me. — Não tenho nada...»

— «Então porque choras?»

Pousou os seus olhos lacrimosos nos meus. Depois, baixinho, tomando as minhas mãos nas suas mãos pequeninas e frias, soluçou.

— «Porque tenho fome! Oje, ainda não comi nada!»

JOSÉ BACEIAR.

Sobre tres colunas descança o gigantesco edificio da emancipação da humanidade: a mais absoluta descrença religiosa, a firme persuasão de que toda a autoridade é opressora e como tal injusta, e o convencimento de que toda a propriedade particular é um roubo iníquo. Se faltar qualquer das tres, a emancipação é impossível. —

Blázquez de Pedro.

Factos e comentarios

A falencia... do anarquismo

O *Socialista*, incimando-a com os titulos *Ação direta e reformismo* e *Sindicalistas que aderem ao Partido Socialista*, publicou ha dias a seguinte noticia:

«Recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

Camarada — Tendo nós desde ha muito tempo militado no meio libertario e sindicalista (*nunca demos por isso*), resolvemos desligar-nos por completo do seu seio, por não concordarmos, em parte, com a sua orientação, por ser improficua e prejudicial ao movimento operario.

Por isso, camarada, enviamos a nossa adesão ao partido socialista, por vermos nele o meio aonde o proletariado mais ponderadamente pode tratar dos seus interesses economicos e politicos, e bem assim do futuro mais ou menos proximo da sua emancipação social. — Vossos camaradas. — *Raul Sobral*, impressor tipografico, *Henrique Silva*, tipografo e *Mario Aristo*»

Não damos parabens ao partido socialista pelo ingresso destes individuos dos quais apezar de antigos militantes anarquistas e sindicalistas, como dizem, apenas o primeiro conhecemos.

E se os outros são como este... analfabetos com pretensões a filosofos e super-omens ha cá muitos e, se possessemos, oferecimo-los todos dumavezada ao partido socialista.

Maquina de votar

Dum jornal:

«Parece que se descobriu na Austria um processo dos senhores deputados votarem mecanicamente. Em cada carteira ha dois botões, ligados por meio de fios a um quadro que está sobre a meza da presidencia. Carrega-se num botão acende-se uma luz branca — é o aprovo; carrega-se no outro, acende-se uma luz vermelha — é o rejeito.»

Aplaudimos o invento. Trabalham muito, como é sabido, os senhores deputados, em toda a parte. Justo é que se lhes reduzam as canseiras...

O atentado e a imprensa estrangeira

L'Humanité, jornal socialista de Jean Jaurés, comenta assim o atentado de Lisboa:

«Não temos necessidade de dizer que ninguem aprovará o ato insensato do omem que, arremessando uma bomba á passagem dum cortejo, julgou defender assim os interesses dos miseraveis e, talvez, tambem vingar-se duma sociedade que semeia a miseria.

Entretanto, o governo chamado democratico do sr. Afonso Costa pretende fazer recair toda a responsabilidade moral de tal ato na ezaltação d'anarquistas e de sindicalistas, que ele acusa de terem preparado o atentado.

As violencias das autoridades e as provocações criminosas das «classes elevadas» teem tambem uma boa parte nessa responsabilidade.»

La Bataille Syndicaliste, importante quotidiano parizience, diz:

«Relatámos ontem o atentado que se produziu na terça feira em Lisboa, durante as festas que se realizaram para celebrar o aniversario do grand poeta portuguez Luiz de Camões.

As autoridades e os operarios tribuem este atentado aos anarquistas. Mas ele produziu-se num momento tão inoportuno, suscitou tanta colera entre a população da capital de Portugal contra o joven movimento operario, socialista, sindicalista e anarquista, que é-se autorizado a perguntar se a policia não foi achada no cazo.»

Este mesmo jornal publicou, em fundo, no seu n.º do dia 14 do corrente, um artigo subordinado ao titulo *A repressão em Portugal*, onde, fazendo-

se um ezame retrospectivo aos acontecimentos, se enumeram as repressões feitas aos trabalhadores, após a implantação da Republica, repressões que se requiriram depois da subida ao poder do sr. Afonso Costa.

Jornalismo... policial

O *Mundo*, com o titulo *Desmentido*:

«Vemós ai transcrita em gazetas uma afirmação da *Terra Livre*, ou do sr. Pinto Quartim, dizendo que o diretor do *Mundo* enviára á policia uma carta por este dirijida aos jornais em nome daquele semanario. O facto é falso: o diretor do *Mundo* não entregou á policia aquele disparatado (!!) documento. E é evidente que, se o entregasse, o facto não representaria nem deixaria de representar uma denuncia. A assombrosa (!!!) carta da *Terra Livre* foi enviada a varios jornais para publicar, e foi realmente publicada no *Noticias*, e como tal era um documento publico. Se o *Mundo* estava autorizado a publicá-la, com indicação da sua procedencia, estava autorizado a mostrá-la a quem quer que fosse. Mas é falso que a entregassemos á policia.»

Não comentamos porque o leitor avaliará bem a fineza com que é feito o desmentido, mas não deixamos de admirar o descaramento com que o *Mundo* ouza desmentir o que o nosso diretor viu com os seus proprios olhos e apalpou com as suas proprias mãos!

A *Republica* referindo-se ao procedimento do *Mundo* comentava-o desta forma:

«O sr. Pinto Quartim, diretor do semanario *Terra Livre* e que foi preso depois do atentado da rua do Carmo, enviou há dias uma carta aos jornais protestando contra a sua prisão, visto estar inocente.

Pois agora a *Terra Livre* declara que o exemplar que elle havia remetido ao *Mundo* foi por este jornal entregue á policia.»

E depois de ralatar o facto servindo-se dum estrato do nosso artigo em que denunciavamos o procedimento do *Mundo*, remata:

«Chama-se a isto uma roda de denuncias: O *Mundo* denuncia o sr. Pinto Quartim; o sr. Pinto Quartim denuncia o *Mundo*. Onde irá parar a roda?...»

Tambem a *Nação*, a proposito do mesmo escreveu:

«Ha casos que escedem tudo quanto se possa imaginar em materia de falta de correção e de lealdade, atinjindo a meta do desconchavo e da indignidade, não existindo termos — ou, antes, não os *podemos* empregar — capazes de suficientemente classificar taes monstruosidades.

Como implicado no atentado da rua do Carmo, foi preso o sr. Pinto Quartim, diretor do semanario *Terra Livre*, que após a sua prisão enviou aos jornais uma carta em que protestava contra a sua prisão, visto — diz — se encontrar inocente.

Uma das gazetas, que recebeu a carta, foi o diario da rua de S. Roque, o órgão matutino do sr. Afonso Costa. Querem saber como «ele» procedeu em face da carta, que certamente era um simples desabafo?

Pasmai ó jentes: enviou-a... á policia!

Nós não o denunciámos (refere-se ao procedimento do *Mundo*) porque não temos esse habito. Mas nem isso é preciso. Já todos o conhecem de longa data...»

Por estes comentarios, vê-se que A *Republica* e A *Nação* querem dar a mesma significação de denuncia ao ato praticado pelo *Mundo* indo entregar á policia um documento que lhe foi enviado e ou por nós praticado tornando conhecido de todo o publico o procedimento do órgão afonsista.

Aconselhamos-lhes a consultar o *Dicionario* de Candido Figueiredo.

No dia seguinte ao audacioso desmentido d'O *Mundo*, apressou-se A *Republica* a prestar esta... omenagem á verdade:

«Reproduzimos aqui uma carta em que o sr. Pinto Quartim, redator da *Terra Livre* e atualmente prèso no Limoeiro, dizia que o *O Mundo* enviára á policia uma carta que elle dirijira a esse jornal e que foi a causa determinante da sua prisão. Em homenagem á verdade, devemos notar hoje que o *Mundo* declarou ontem que não foi o seu diretor quem entregara á policia a carta aludida.»

Em homenagem á verdade devemos dizer á *Republica* que não dissemos que a entrega da carta á policia foi a causa da prisão do nosso diretor e que nem este escreveu carta alguma a tal respeito. O procedimento do *Mundo* foi revelado num artigo deste jornal.

Quanto á veracidade da nossa accusação persistimos em a afirmar. Se não foi o diretor do *Mundo* quem entregou a carta á policia, foi talvez o continuo da redação...

Acudam-nos!

O semanario republicano *O Revolucionario*, cuja leitura do artigo de fundo, *Lei e disciplina*, do seu numero, de domingo último, recomendamos ao leitor, comentava assim o assalto que se pretendeu fazer, no Alto do Pina, á sede da secção de Construção Civil e da Escola de Ensino Livre, mas que o povo do sitio não consentiu, pôndo em debandada os assaltantes:

«No seu numero de domingo último, o nosso illustre colega *A Capital* pedia providencias ácerca dum grupo de individuos que pelas 22 óras de sábado haviam andado a rondar a casa onde, na rua Barão de Sabrosa, estão instaladas a secção de Construção Civil e a Escola d'Ensino Livre, frequentada por crianças de tenra idade e rejeida por uma senhora.

Alarmada a vizinhança e os directores daquela secção, bem como a professora, suspendeu esta aula, ordenando a saída das criancinhas para que não fôsem vítimas dalgum ataque que áquella escola alguns *cavalheiros* tentassem fazer.

Feitas algumas indagações, parece têr-se chegado a apurar que esses rondantes pertenciam a um grupo democratico dos defensores da República. Pobre República, que tens como defensores noturnos assaltantes da casa do cidadão!!! Se assim é, o que nos parece ser por não vermos, até hoje, desmentido algum da direção desse grupo, que, segundo tambem se diz, forneceu os modernos *bufos* da privadade de S. Ex.^a o conspícuo governador civil de Lisboa, apelamos para o parlamento, chamando-lhe a atenção para atos destes, que só desprestijiam a República e aviltam quem os deixa sem grave corrétivo.»

Fúria de acuzar.

Do nosso prezado colega *A Aurora*, do Póto, estratamos o seguinte eco:

«Um pouco tarde, chamam a nossa atenção para a seguinte passagem da resposta do sr. Afonso Costa ao senador Pêdro Martins:

Admira-se o sr. Pedro Martins, prosegue o orador, e pede para tal repressão e justiça, que o povo (?) tivésse invadido a Casa Sindical, a casa onde se preparára friamente o atentado da rua do Carmo, onde se tramavam as maiores ignominias, onde se concertavam os piores crimes e onde se conspirava contra as vidas de todos os omens públicos da República!»

Ora a Casa Sindical estava fechada e guardada pela policia desde 27 de abril.

Aquilo é que é fúria de acuzar! Até parece, salvo seja, uma insinuação á policia...

Antes de 27 de abril não se fazia, certamente, nada daquilo na Caza Sindical.»

necessidades se façam sentir e que estimulem a criação de instituições ou órgãos, destacando-se do conjunto homogêneo e se desenvolvam paralelamente e numa recíproca influência.

Se para se criar o organismo familiar fosse necessário a organização completa do aparelho econômico, ainda hoje não existia a família nem nunca se passaria da organização econômica, porquanto a lei do progresso é incompatível com qualquer cristalização, com qualquer pretensão de se ter atingido, num dado momento, o macimo da perfeição...

Depois de criados os primeiros órgãos dentro de cada especialidade ou ramo da atividade humana, novos órgãos se destacam, se especializam em sucessivas desintegrações, diferenciando-se em funções particulares. Assim, a função econômica divide-se em circulação, consumo e produção das utilidades. A circulação subdivide-se em circulação de produtores, circulação dos produtos, circulação dos valores representativos dos produtos, que se subdividem, ainda em estradas, canais, caminhos de ferro, correio, telegrafo, telefone, bancos, casas de câmbio.

Terminamos, por hoje, dizendo como De Greef: «A evolução coletiva progride pela divisão sucessiva do seu organismo homogêneo em organismos especiais, donde resulta uma perfeição de estrutura, e, consecuentemente, de funções, que facilita uma adaptação cada vez mais completa no meio ambiente e uma melhoria da vida geral.»

Ao contrário das antigas teorias que concebiam as formas sociais como criações precificadas e sob um plano previamente estabelecido por uma vontade rígida e cristalizadora, os diversos órgãos sociais nascem e desaparecem ou transformam-se em dados momentos históricos, apresentando sempre todavia os tipos característicos de órgãos cujas funções são satisfazer as necessidades econômicas, familiares, artísticas, científicas, morais, jurídicas e políticas dos indivíduos.

Adolfo Lima.

Aos agentes da provincia

Pedindo mais uma vez aos nossos agentes que liquidem imediatamente as suas contas relativas a este mez, para boa regularidade da administração do jornal, prevenimos os que não liquidaram ainda o mez de fevereiro que o deverão fazer conjuntamente com o mez de março afim de não sofrerem interrupção na remessa do nosso semanario.

Deverão também enviar as sobras, as quais devem trazer junto ao endereço o nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

Uma grande ilusão

Segundo li num jornal, houve gente que, nos dias da chamada semana santa, quando afluem as visitas às igrejas, entendeu que a melhor maneira de afirmar os seus sentimentos anticlericais, era postar-se á porta dentrada duma igreja e dirigir palavras injuriosas a quem lá entrava.

Quer isto dizer que continuamos na mesma, deseducados a ponto de sermos incapazes de fazer uso do mais comedido ato de tolerancia, mesmo que ela não nos custe coisa alguma nem vá de encontro a qualquer disposição legal, que pudesse causar agonias ao civismo inflamado de qualquer livre-pensador.

A agravar o caso está o facto de ele ser, alem de intolérable, duma ineficacia mais do que evidente, quanto ao fim que, me parece, pretendiam atingir os que assim se manifestaram ás portas das igrejas.

Palavras injuriosas, linguagem violenta no ataque a ideias, a pessoas ou instituições, é a manifestação mais concludente de que se desconhece a primeira palavra do que seja a evolução das ideias e das instituições; é ignorar que procedendo assim sistematicamente, faz-se obra contraproducente, trabalha-se contra os interesses das ideias que se pretendem afirmar e defender e a favor das que se pretendem combater.

Não haverá maneira de se compreender isto, que é todavia tão simples de ser compreendido? Pois essa gente que em linguagem violenta ou injuriosa, se dirige a quem, no plebeo uso dum direito, entrava numa igreja, não sabe que procedendo assim, o que faz é justificar ou pelo menos explicar que os injuriados de ha dias se desforrem, procedendo do mesmo modo á entrada da Associação do Registo Civil, ou de qualquer outra instituição da mesma especie? Mas ai de quem o fizesse! Mas não se vê nada disto e julga-se que se pratica um grande ato de defeza democratica.

Ha dois anos, também a proposito dumas palavras — essas eram escritas — de violento ataque aos padres, escrevi, num jornal da provincia, o que se segue, que, pelo que se vê, continúa a ter actualidade:

«Nunca a violencia de linguagem constituiu um argumento e por isso nunca ela foi util para espalhar ideias. Quando muito, e não é indispensavel, admite-se como desafio contra os que, dispondo da força, usam dela para imporem, duma maneira feroz ou inepta, a sua vontade. Compreende-se então a violencia das palavras contra a violencia ou a infamia dos atos; e ha momentos, em que a violencia das palavras pode ser util, como quando é preciso

manter uma grande tensão nos espiritos, para a execução dum ato energico.

Mas tudo isto é raro. Em regra, a violencia das palavras não serve apenas para, como disse, produzir um efeito contrario.

E' o que se dá agora com os padres. Eles *armam* em perseguidos, em mártires, em victimas da republica, que eles accusam de perseguidora, de inimiga da religião.

Nós sabemos muito bem o que esse jogo significa; ha muitos séculos já que a igreja vive nesta alternativa: submeter quanto póde e gritar por socorro quando não consegue o que pretende. Não a deixam dominar á sua vontade, submetendo tudo e todos aos seus dogmas e ás suas práticas?

Clama-se contra a odiosa e secular perseguição contra os cristãos e cada saudavel e anafado priór, cada bispo reluzente de pedrarias como um «rajah», grita e geme, como se o lançassem para a arena dum circo pagão, onde as feras o esperassem para o devorar.

Mas porque sabemos tudo isso, é que não nos devemos deixar arrastar a empregar, contra a manobra a que os padres se entregam, palavras de coleara e agressão. Isto é o que eles querem é uma e a mesma coisa, porque saberão fazer valer aos olhos dos simples, as palavras contra eles dirigidas.

Depois, o ataque violento, colorico, indica aos olhos de muita gente, que a agitação dos padres tem importancia e póde tornar-se perigosa. Ora acontece muita vez que as coisas só teem a importancia que as nossas palavras ou os nossos atos lhes atribuem e que, também muitas vezes, essa importancia ficticia é a orijem duma importancia real.

Deixemos os padres gritar e protestar á vontade ou desobedecerem ás leis, que não vem daí mal nenhum.

Combatamo-los, sim, mas no campo das ideias, espalhando a verdade científica, destruindo as suas afirmações quando elles pretendam impedir-nos o caminho.

O que é preciso é tornar o padre desnecessario na vida de cada um; porque emquanto houver consciencias que prezem dele, o padre não desaparecerá embora se imaginem e se apliquem todas as repressões possíveis. Não é espulsando-os dos conventos, das escolas ou das igrejas que os padres deixam de exercer a sua natural influencia; é espulsando-os da cabeça dos individuos ou começando por os não deixar lá entrar, o que é muito melhor. Mas isto é muito difficil; porque, em geral, espulsa-se o padre de batina e põe-se lá o padre de jaquetão. E' por esta simples substituição que ha séculos se derrama muito sangue.»

(Geneve)

Emilio Costa.

Crónica internacional

NA ITALIA

o deputado De Balzo fez em pleno parlamento uma confissão preciosa, sobre a sabida competência enciclopédica e incompetencia especial do parlamentarismo. De Balzo, relator do orçamento da marinha, foi pela imprensa acusado de incompetencia e de ter plajado uma revista da especialidade em certas passagens. Resposta cinica do illustre lejislador: «Disse-se que o relator não é competente em materia naval. Mas na Camara todos teem uma competencia universal, sem o que seria preciso fecha-la e pôr lhe escritos. Seria absurdo pretender do deputado uma obra pessoal e genial em tudo.» A Camara riu-se, o que é um modo de concordar...

Com efeito, um sindicato de sapateiros entende de sapataria; uma associação médica percebe de medicina; uma sociedade de arqueólogos sabe de arqueologia; etc. O parlamento é a única corporação que não pesca a valer de uma coisa qualquer em particular, que não tem uma competencia especial.

Perdão, tem uma: a intriga politica em torno do bolo do poder. Tem ainda outra: a de disparatar sobre todas as coisas...

—Continuam as manifestações de desocupados. Houve-as em Massafiscaglia, Mésola, Ariano, Comacchio, Lagosanto, Cárpi, Nonántola, Nóni, Portomaggiore, Felonica Pó, S. Felice, Concordia, Montagnana, etc. Em algumas localidades houve conflitos com a força pública. Em Villa Saviola, os desocupados iniciaram trabalhos por sua iniciativa, sem ordem da autoridade; em Ravenna, 20 mil desocupados obrigaram o governo a iniciar obras públicas.

São também numerosas as grevs.

NA FRANÇA

não é afinal só o proletariado que se desapega do militarismo. No proprio seio da burguesia revela-se uma crescente falta de patriotismo... efetivo. E' o que se infere das tristes lamentações do senador Humbert, ex-official e ex-relator do orçamento da guerra.

A juventude burguesa já não procura a carreira militar! E esta desafeição—coincidência verdadeiramente maliciosa—é desde que se acastelaram no horizonte europeu densas nuvens de guerra...

Em 1912 havia 1717 candidatos a 352 lugares na Escola de Saint-Cyr; em 1912 só houve 870 a 340, e mal habilitados. Na Escola Politécnica, a maior parte dos alunos demitem-se e fazem-se engenheiros civis. Do Pritaneu de La Flèche, onde são educados gratuitamente os filhos de officiais, quasi todos saem para a vida civil: são os próprios pais que os desviam da carreira militar. Os officiais inferiores também diminuem: em 1903, em Saint-Maxent, o número dos candidatos era o triplo do de lugares; hoje não chega ao dobro.

Só na Escola de Vincennes, de officiais de administração, é que a proporção aumenta... Os jovens burgueses querem ser officiais, mas... «não combatentes».

Patriotismo práctico.

NA ALEMANHA

o advogado K. Liebknecht verificou que, em cada doze pessoas, ha uma que transgride o código penal. E conclue: «Deste facto extremamente triste resulta que soffremos, na Alemanha, as consequências duma mania de punir, verdadeiramente imprópria para combater os delictos.» A proporção dos delictos é mesmo superior á da Rússia!

Aí está o valor da repressão, da autoridade, da disciplina.

AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

EM NOME DA PATRIA

A palavra "patria" anda em todas as bocas e justifica todas as ações; não ha outra de que se abuse tanto.

Abre-se um jornal e apatece logo o grave e importante articulista politico defendendo as mais absurdas teorias, para honra e felicidade da patria, seguindo-o imediatamente o negociante anunciando drogas venenosas, mas patrioticas.

Não ha lei que não seja inspirada pelos "sagrados interesses da patria"; não ha bandido que não justifique as suas proezas em nome do patriotismo; não ha despota que não se firme sobre o terreno glorioso do "bem publico"; não ha impostos, não ha carga, não ha servidão que não caia sobre os ombros do povo para bem da independencia, da providencia, do bem-estar nacional.

Um tirano, um tzar qualquer deseja mandar a quaisquer Balkans distantes, ao matadouro, alguns milhares de criaturas? E' a glória e a honra da patria que o ezijem. O proprio despota encarna a patria: desobedecer-lhe é crime de alta traição. Ele é que é a patria.

Um sindicato de exploradores provoca um litijio acerca dum territorio? Um bando de aventureiros origina uma revolta ou quer saquear a seu gosto? Filhos da patria, ás armas! A patria está em perigo! Ide morrer por ela!

Um governo decreta a lei do serviço militar obrigatorio ou tenta aplica-la, isto é, procura amontoar a mais vigorosa e util juventude do país em antros de e n brutecimento e desmoralização? Escelentes jornalistas desatam a clamar que é a segurança e a independencia da patria que o ezijem.

Em nome da patria, patriotas satisfeitos roubam e esplotam amados compatriotas, montam empresas lucrativas; em nome da patria, são fuzilados operarios que pedem um pouco mais de pão... podendo assim arruinar a industria nacional; em nome da patria, da prosperidade do país, pedem-se e votam-se leis proibitivas, alfandegas e passaportes.

Protejei o "trabalho nacional", patriotas... morrendo de fome.

Em nome da patria foi que em França se combateu e caluniou a "liga anti-alcoolica" que viria arruinar uma industria "nacional".

Ha uma só coisa que não se faz em nome da patria: é assegurar a todos os seus pretendidos filhos, em premio do seu trabalho, um quinhão justo de bem-estar e de liberdade. Para isso, a patria mostra-se impotente.

E infelizmente o proletariado ainda se deixa guiar bastante por ócas declamações. E' por

meio de sonoros palavrões — amor da patria, independencia nacional, dedicação patriótica — que os exploradores (dispondo aliás de outros meios poderosos) conseguem manter o proletariado numa condição abjeta que será a vergonha desta época chamada de civilização e de progresso.

Dizem ao cidadão que ele é livre, autonomo, independente, que ele goza de todas as regalias. Mas, em verdade, onde estão essas regalias, essa liberdade? Não está a patria dividida em classes de homens de tal forma que uns dispõem de tudo e os outros são obrigados a vender os braços por uma miseria a fim de poderem comer?

E se o proletariado consegue um sopro de liberdade, uma migalha de bem-estar é a patria que lhe dá isso? Não. Ele é quem o conquista pelo seu penoso e sangrento esforço contra a avidez e ferocidade dos verdadeiros possuidores da patria. A patria só lhe dá chumbo e cadeia, miseria e opressão.

Se interrogamos um declamador patriota sobre o que é a "patria", vemo-lo imediatamente embaraçado, gaguejando, mastigando palavras misteriosas e indecisas. Ninguém conseguiu ainda definir de modo seguro e positivo o idolo "patria" em cujo altar se teem imolado tantas vitimas humanas. Que é a patria? Por ventura o sabes tu, leitor? Conheces quem o saiba? Ha por aí alguém que nos possa dizer?

Seria um homem de valor, porque até hoje ninguem o disse de modo certo e categorico, dando uma definição de acordo com os factos. E' uma ideia vaga, flutuante, indefinida... pela qual entretanto se entusiasma as turbas!

Gente, com fumo de sapiecia, aventura vagamente que a patria é a "comunidade de interesses"... Comunidade de interesses entre quem?

Mentira. Dentro da patria não ha comunidade de interesses de nenhuma especie. Não ha harmonia de aspirações, nem de sentimentos, nem de interesses materiais dentro de certas fronteiras marcadas sobre o mapa.

Os patrões bem o sabem. Os capitalistas não teem patria. Os capitais emigram, dão-se as mãos por cima das fronteiras, fazem ardente internacionalismo. Os seus interesses estão por toda a parte; o patriotismo não lhes importa... a não ser para enganar os outros.

Que os trabalhadores façam o mesmo. Os seus interesses estão igualmente por toda a parte. O internacionalismo é a sua arma.

"Proletarios de todos os pai-

ses, uni-vos!" tal é o grito que, desprezando todos os confins, significa o toque a reunir para a batalha decisiva.

Movimento libertario

BRASIL

O sindicalismo avança. — A confederação Operaria Brasileira e a Federação Operaria do Rio de Janeiro ajitam neste momento, com a simpatia do povo em geral, a questão da carestia da vida. O seu fim, é a organização geral das classes trabalhadoras e impor ao governo medidas energicas (?) para debelar o mal.

A 16 do corrente a C. O. B. realizou, no largo de S. Francisco, um comício monstro, o qual terminou ás 7 e meia da noute, depois do povo ir á chefatura de policia ezijir a liberdade do companheiro Pedro Matera, professor, prezo no mesmo dia, de manhã. Foi solto no dia seguinte. O carolissimo chefe da policia foi obrigado a falar á enorme multidão visto não terem cauzado bõa impressão as promessas feitas pelo mesmo á comissão da confederação que o foi procurar. Teem-se realizado muitos comícios promovidos pela F. O. L. O governo já vai cedendo alguma couza, embora sejam paliativos. Teem-se feito estensa propaganda anti-politica e contra a lei de expulsão de trabalhadores. O povo está comnosco em toda a linha. O anarquismo e o sindicalismo teem sido vitoriadados. As repressões e dezordens promovidas pela policia dezapareceram desde o dia 16, isto é com respeito a realização dos comícios. Mais ou menos o telegrafo sem transmitido para aí alguns detalhes sobre o movimento.

Trabalha tambem um comité, neste sentido, mas que é politico. Não tem arranjado nada.

A nossa ação vai derrotando-os pouco a pouco.

No final dos comícios, temos cantado pelas ruas da cidade varios hinos revolucionarios.

Os politicos querem fazer uma revolução. Nós, porem, preparamos o povo para outra mais social. — C.

SUIÇA

Grèves novas. — No cantão de Turgovia, em Arbon, os operarios torneiros duma fábrica de máquinas fizeram greve por falta de aquecimento nas oficinas.

Tambem na Russia, em Lublin, os operarios duma fábrica declararam-se em greve sem abandonar a oficina. Só a força armada os desalojou.

Comentário de *Le Réveil*, de Genebra:

"Ezijir uma hijiene conveniente no trabalho é lutar diretamente por melhor saúde, por uma expansão da vida. E' verdadeiramente renovador. E recusar deixar o logar do trabalho, porque as condições desse trabalho não são satisfatorias, é tomar o hábito de se considerar cada um na oficina como em sua casa, é de certo modo reivindicar a própria posse do lugar de produção, é apromiar-se da espropriação."

São formas e motivos superiores de greve, dignos de encorajamento e imitação.

Congresso. — Os anarquistas suíços projetam um congresso. Entre as questões inscritas, vemos: Os anarquistas e o movimento sindical na Suíça; Os anarquistas e a guerra; a Escola Ferrer de Lausanne; Edições baratas de livros e opúsculos; Programa teórico e práctico; Meios de propaganda e de ligação.

ITALIA

A imprensa revolucionária. — Sinal do renascimento do espirito revolucionário no operariado italiano é o desenvolvimento da imprensa sindicalista e-anarquista, ao lado do crescimento da União Sindical Italiana, em detrimento das organizações legalitárias-reformistas e do subdividido partido socialista parlamentar.

Assim, há os seguintes jornais sindicalistas revolucionarios: *L'Internazionale*, de Parma; *L'Azione Sindacale*, de Bolonha; *La Voce Proletaria*, de Placencia; *La Scintilla*, de Ferrara; *Il Martello*, de Piombino; *La Lotta Operaia*, de Séstri Ponente; *La Bandiera del Pópolo*, de Mirándola.

Jornais anarquistas: *L'Agitatore*, de Bolonha; *La Barricata*, de Bolonha; *Rompete le file!*; *L'Avvenire Anarchico*, de Pisa; *Il Libertario* de La Spezzia; *Il Risveglio*, de Alexandria.

Fóra de Italia, ha ainda cinco folhas anarquistas em lingua italiana (na America do Norte, 3; no Brasil, 1; na Suíça, 1).

Um inquerito ao problema educativo

A *Renascença Portuguesa*, associação de literatura, arte, ciencia, filosofia e critica social, do Porto, pede-nos a publicação das seguintes bases do inquerito por ela aberto ao problema educativo:

"Tendo os professores abaixo assinados resolvido abrir na *Vida Portuguesa* um largo inquerito, visando a solução de varios problemas de ensino e educação nacional, vimos pedir a V. se digne responder a esta primeira parte:

Tem a vida um plano teórico?

O plano teórico é por si mesmo um fim; ou apenas um meio para o plano práctico?

O plano práctico é subordinado ao teórico, ou domina o plano teórico? ou que relações reciprocas existem entre os dois planos?

Que distincção essencial faz entre ensino e educação?

Entende que se podem ou devem ezercer separadamente?

No caso afirmativo, faz distincção em todos os graus de ensino, ou em alguns e quais?

Quais as relações entre os diferentes grupos de disciplinas e os diferentes fins educativos? Por ezemplo: As ciencias naturais e a moral; as ciencias históricas e a consciencia nacional, etc.

Quais os males de que enferma o nosso ensino e educação?

E a forma de os corrigir?

Quais as qualidades e defeitos do aluno português?

E a forma de aproveitar umas e corrigir os outros?

As respostas devem ser dirigidas para a redação da *Vida Portuguesa*, rua Sá da Bandeira, 363-2.º — Porto.

Ficam convidados para responder a este inquerito todos os professores de ensino livre e bem assim os de instrução primária, secundária e superior, a quem, por lapso não tenhamos dirigido convite especial.

Os professores — Alfredo C. de Magalhães, (do Liceu Rodrigues de Freitas, Porto) — Antonio Correia de Sousa, (de Ensino Livre) — Augusto Martins, (do Liceu Rodrigues de Freitas, Porto) — Gônçalo Sampaio, (da Universidade do Porto) — Jaime Cortesão, (do Liceu Rodrigues de Freitas, Porto) — José Joaquim Rodrigues dos Santos, (de Instrução Primária) — Leonardo Coimbra, (do Liceu da Póvoa do Varzim).

Um julgamento

Vai na quarta feira, dia 16, responder na Boa Hora, no 2.º distrito criminal, o nosso camarada MANUEL D'AZEVEDO, que há 8 mezes se encontra no Limoeiro e de cuja prisão e processo já varias vezes aqui nos temos ocupado largamente.

Damos esta noticia pois certamente que ao julgamento que-rerão assistir numerosos camaradas.

Cartas a uma burgueza

IV

— Adeus! adeus!

— Até outro dia, amiguitos!

.....
Olhe: ainda estão a acenar-nos com o lenço. Corresponde-nos mais uma vez aos cumprimentos dos pequenos...

Bem passada esta hora, não é verdade? Foi uma hora que trouxe saúde ao espírito, que o encheu de luz e de frescura e de bondade. Não se parecem nada estas crianças com quasi todas as outras que nós lá conhecemos e com o que nós fomos mais ou menos. Espontaneas, naturais, sem nenhum ar contrafeito e acanhado e sem terem também pretenciosismos detestáveis. Não são os *meninos bem comportados* nem os *meninos prodíjios* que tanta honra dão aos "papás" desvanecidos que os apresentam em toda a parte como se fossem admiráveis modelos. Não são esses desgraçadíssimos bonecos que os pais talharam ao seu arbitrio, toscamente, esses monstrosinhos envernizados que nós conhecemos muito bem. Não são os tristes papagueadores de coisas que não compreendem nem sentem. No que dizem, estes, com que falámos agora, não é verdade? ha quasi sempre consciencia e sempre sinceridade.

As crianças dos dois secos — isto foi uma das coisas que mais a surpreenderam — são educadas juntas. E' que, minha amiga, aqui entende-se que a mulher necessita ter uma educação igual á do homem, que é um ser com faculdades intellectuais e sentimentais a cultivar e desenvolver, com uma vontade a formar, e que só assim ela poderá ter liberdade, ser dona de si mesma, e ser, de facto, a *companheira* do homem e a *mãe* — primeira educadora dos filhos que tiver. Aqui não ha a *guerra* entre os secos. Ha a *harmonia*, a *cooperação* deles. Homem e mulher completam-se. Completam-se fisiologicamente e socialmente. Por isso, minha amiga, se educam juntos os pequenos dos dois secos, sem barreiras, tolas, numa natural liberdade que encanta e que é imensamente salutar.

Os conhecimentos que são fornecidos ás crianças, toda a instrução, que se lhes ministra está marcada pela ciencia. Nada se lhes ensina que não possam compreender. Parte-se do mais simples para o mais complicado e tudo se lhes explica. Em todo o caso, deve-se deixar á criança o trabalho de conseguir, por esperiencias e raciocínios seus, — esperiencias e raciocínios que o educador provoca e auxilia — os conhecimentos, as verdades científicas. E' assim que aqui se faz. E isso vê-se bem da independencia espiritual, da orijinalidade com que

se nos apresentam, não é assim?

Bem viu ha pouco o espirito investigador e critico que já teem. E' que, tanto no campo intellectual como moral, não se lhes dão principios feitos, não se lhes impõem dogmas, nada se lhes impõe. Tanto na familia — a primeira escola — como fóra d'ela, os educadores da criança limitam-se a dar determinantes, a fornecer elementos sentimentais e intellectuais que o seu espirito analisará com demóra ou que aceitará imediatamente; assim ela vai formando o seu cerebro e criando os principios morais com os quais lhe é grato estar de acordo.

Se lhes fazem preleções sobre a bandeira? Se lhes ensinam a cantar um hino?

Oh! minha amiga! .. Assim se esquece de que aqui não ha patrias-estados que sejam representadas por um trapo mais ou menos colorido, que não ha aqui estados em guerra, com interesses opostos? .. Esquece-se disto? Ou está brincando comigo?

Brincava? Bem. Mas olhe que, mesmo que houvesse essas divisões entre os homens, se quizessem educar-se as crianças segundo a ciencia, nunca podia proceder-se dessa forma. Isso seria impôr ideias, fornecer conhecimentos que a criança não abrânjia e sobre os quais não podia ezercer a sua livre critica. Era criar nela outras divindades, outra relijião funestissima.

Lembra-se duma festa a Camões que lá fizeram com milhares de crianças? Pois que foi isso se não uma procissão religiosa e tristissima? Que sentiam elas, que compreendiam elas de tudo aquilo? Conheciam o poeta? Conheciam a sua obra? Amavam a sua obra? Não, minha amiga; elas não conheciam nem podiam conhecer os versos do poeta e não podiam, portanto, ama-lo. Que reformadores! Derrubaram os santos do cristianismo, tiraram da escola essa relijião, e introduziram outra a substitui-la! .. Em vez de S. José, S. Pedro ou S. Paulo, S. Camões ou S. Vasco da Gama...

Era como se aqui se fosse fazer, em identicas circunstancias, uma festa a Kropotkine por ter sido um dos homens que mais e melhor prégaras as doutrinas que servem de base a esta sociedade. Se as crianças desconhecem as suas obras e os seus esforços pela emancipação humana numa epoca de tirania e de mentira, se não sentissem afeição pelo seu grande espirito, se não fosse *sincera, consciente, voluntariamente* que tomassem parte nessa comemoração, o caso seria o mesmo absurdo, a mesma fantochada tristissima e pelintra.

Mas eu não quero cansa-la, minha amiga, com as minhas dissertações. A minha amiga raciocinará sobre tudo o que

ha pouco ouviu ás crianças e tirará, por si, mil conclusões proveitosas. Não esquecerá que a primeira escola é a familia, que não ha premios nem castigos, que ás crianças se dá a maior liberdade fornecendo-lhes apenas os educadores determinantes e que, ao mesmo tempo que se faz a educação intellectual, se faz também a manual. Assim se fazem homens livres, com todas as suas faculdades desenvolvidas, homens uteis a si proprios e á sociedade. Em tudo isto a minha amiga atentará. E, aten-

tando nisto, ficará sabendo as muitas outras coisas que eu agora lhe não digo para me não transformar num compacto tratado de educação...

De resto, eu bem vejo que espera com anciedade a continuação da conversa que ficou suspensa quando encontrámos as crianças...

Quere que lhe fale do Amor e da Familia, não é assim?

Pois queira ouvir... E faça as interrogações que lhe aprou-ver...

Sobral de Campos.

Madaleine Vernet

O AMOR LIVRE

Disse, precedentemente, que para bem estudar as grandes leis/naturais, era util remontar ás oriens primitivas, estudar a Natureza na vida animal.

Pois, bem: entre os animais, a femea tem uma vida secsual que lhe é propria; tem necessidades secsuais, desejos secsuais, que ela satisfaz, com a mesma liberdade, a mesma regularidade que o macho.

Ora, ninguem contestará que as leis fisiológicas que rejem o animal são as mesmas para o homem. Porque razão pois, neste caso, se não quer admitir para a mulher a mesma similhaça fisiologica entre ela e o animal, cuja ezistencia de bom grado se admite entre o animal e o homem. Porque razão recuzar á mulher uma vida secsual propria? Porque se faz do amor uma necessidade exclusiva do homem?

Até ao presente, o homem erijindo-se em senhor nesta questão, como em todas as outras, tem respondido: "Porque a mulher não tem necessidades; porque ela não tem desejos, porque não sofre com a privação das satisfações secsuais."

Mas o que sabe o homem das necessidades da mulher? Quem melhor do que a propria mulher póde ser juiz em tal e decidir?

Tenho ainda presente no espirito esta frase dum medico: "o celibato da mulher é tão monstruoso como o do homem. Condenar as mulheres á continencia é uma iniquidade, porque é embargar o desenvolvimento do ser feminino."

Assim pois, segundo a opinião deste medico, a virjinda-de demasiadamente prolongada da mulher provoca um atraso na sua evolução intellectual e fisica.

Se ezistem realmente mulheres que não teem necessidades, mulheres frias sem desejos dos sentidos, que é que isso prova? Há também homens refrátarios á sensualidade. Mas isso não constitue a maioria, e seja-me permitido declarar que as refrátarias ao amor não consti-

tuem também a maioria das mulheres.

De resto, atualmente, com o género de educação que ela recebe, a propria mulher é mau juiz das suas sensações e dos seus desejos. Não analisa a sua vida interior e sofre sem saber porquê.

A virjem ezuberante de saúde, cujo sangue ardente escalda as fontes e avermelha os labios, não saberá talvez que é a virjindade que a torna nervosa, sonhadora e inquieta. Não saberá talvez que é a necessidade do amor que a faz chorar ou rir, sem motivo; mas pelo facto de ela não o saber definir, não é menos verdade que é essa natural lei do amor que a preocupa.

Brutalmente, o casamento ensinar-lhe-á aquilo que ela ignora—o casamento para o qual ela caminha cegamente, visto que terá simplesmente evocado dois braços carinhosos onde encontrar um refugio. Depois, quando emfim ela "souber" quando iniciada na vida secsual, a sua carne se tornar conscientemente vibratil, aperceber-se-á de que se encontra ligada a um homem que talvez ela não ame. E, segundo o seu temperamento, assim irá para o amante ou se resignará ao dever conjugal.

E se ela se resigna, se aceita o dever sem amor, quando tiver feito supôr aos outros e a si propria que não tem desejos, que não sente nenhuma necessidade secsual, ela mentirá aos outros e a si propria. O desejo carnal terá ezistido nela, mas não tendo encontrado o ambiente necessario á sua expansão, ter-se-á atrofiado e adormecido.

Se essa mesma mulher tiver-se vivido a vida livre, se, deixando o companheiro que não respondia aos seus desejos, ela tivesse ido áquele que a tivesse feito viver completamente a sua vida de amorosa, é muito provavel que não se tivesse tornado uma mulher fria.

Nos nossos costumes atuais é muito mais facil saber se um

homem é frio, ou se não é. Podendo dar curso aos seus desejos, poderá com conhecimento seguro—depois de ter passado pelos braços de muitas mulheres—declarar-se a favor ou contra a sensualidade. Mas a mulher—condenada a não conhecer mais do que um homem—não pôde na realidade, saber se o que ela não experimentou nos braços desse homem, não o poderá experimentar nos braços de um outro.

Por conseguinte é impossível dizer com precisão o que são as mulheres sobre o ponto de vista da sensualidade. Comtudo, se se quizer ainda olhar a vida animal, constatar-se-á que a anomalia da não sensualidade raramente se apresenta entre as femeas. Não se apresenta nunca nas especies selvagens; e se ela se apresenta ás vezes nas especies domesticas é que a domesticação as deformou. De resto podemos, constatar que a cadela, privada da satisfação seccual, se estiola e morre prematuramente.

Ninguém duvida que se a mulher vivesse normalmente, se não fosse deformada pelo constrangimento fisico e moral, ninguém duvida que o numero de mulheres «frias» seria bem restrito.

Calculando mesmo que só 50 por cento das mulheres são verdadeiramente sensuais, essas cincoenta teem direito a uma vida integral e é portanto absolutamente iniquo condená-las á mutilação das restantes, pela razão de que existem cincoenta perfeitamente satisfeitas com a sua sorte.

A liberdade absoluta no amor—tanto para a mulher como para o homem—é de elementar justiça.

Tal liberdade não forçará as «frias» a tornarem-se apaixonadas, mas permitirá ás apaixonadas não sofrerem mais no cativeiro das leis convencionais e sociais.

(Continúa).

NEO-MALTUSIANISMO

III

Mulheres, sêde felizes!

Sabei viver a vossa juventude!

E' a vós, raparigas, a vós, mulheres novas que ides entrar na vida seccual, que eu me dirijo.

Suponho que viveis anciando o dia do vosso casamento, que vos encheis de enternecimento quando sonhais as venturas e os encantos da vida de amor que vos espera. Pois bem, não serei eu quem quererá quebrar o encanto dos vossos sonhos nem tampouco a pureza e a sinceridade das vossas intenções. Amais e sois amadas; mereceis a felicidade.

Mas, cuidado! podem surgir perigos imediatos, o amor pode trazer-vos consequencias futuras.

Se, por ezemplo, logo de começo os frutos do vosso amor—os filhos—veem aparecendo uns atraz dos outros!...

Ah! E' a juventude que vos foje! Os frutos do amor são sempre muito caros a suas mães.

As mães de muitos filhos envelhecem prematuramente, de ordinario.

E a alegria dos vossos primeiros tempos de noiva, a formosura risonha dos vossos semblantes, as formas de uma harmonia graciosa dos vossos vinte anos, os encantos da primavera da vossa vida, etc., tudo isso destinado a perder-se após o casamento, tudo destinado a desaparecer quando a vida começava para vós!

A juventude, a vida de sonho, de amor, de felicidade! coisas tão belas mas que, mal as conheceis, mal principiais a deliciar-vos com os encantos dessa vida, logo eles desaparecem para para não mais voltarem!

E desaparecem como?

De duas maneiras: perdendo-se a beleza e saude fisica, e criando preocupações e encargos dificeis.

E' que, com efeito, os partos sucessivos arruinam quasi sempre as pobres mães. O semblante transfigura-se, perde a graça dos rostos virjiniais, perde a expressão alegre e viva da mocidade e começa a encher-se de rugas. O corpo de esbelto e robusto passa a desajeitado. A harmonia e graciosidade dos gestos e dos movimentos, tudo isso se vai perdendo.

E, frecuentemente mesmo, é a saude que é roubada ás mães pelos abalos violentos a que as sujeitam as maternidades, os partos dificeis, os aleitamentos esgotantes.

A par desta decadencia, deste fujir da alegria, da saude, da vida, as mulheres que se rodeiam de muitos filhos teem outros tormentos a suportar.

Ah! os filhos! quanto eles dão que fazer! Que de cuidados e de anciedades eles dão ás mães! Que trabalho insano não teem elas a suportar para os trazer sempre limpos, bem arranjados, bem alimentados! E não é só isto. Uma mãe rodeada de filhos tem mais que fazer do que cuidar deles. E o arranjo da casa? as arrumações, as limpezas e ainda os cuidados a ter com o marido?

Que infelicidade a das pobres mães! Teem todos os momentos ocupados, não lhes resta tempo para ler um livro, para tocar ou cantar um pouco de musica, para tratar das suas flores, para sonhar, para viver!

Vida de constante ocupação, de estiolação moral e fisica, vida de dor, vida de martirio.

Mas só se poderá comprar o amor por tão duro preço?

Não! não!

Vós mulheres, donzelas sonhadoras e apaixonadas, podeis amar e ser amadas sem temer

a espição da vossa felicidade. Vós, jovens ridentes, que no casamento vêdes o começo da vida e a realização das vossas venturas, podeis afoitamente lançar-vos na vida de amor e de sonho sem recear a doenca, a velhice e o martirio de uma ocupação constante. Podeis ser livres amando e sendo amadas, podeis continuar na vida conjugal a quadra de sonho e de devaneio que foi o preludio dos vossos amores; podeis dedicar-vos inteiramente ao vosso marido, ler, como ele lê, os livros de estudo e os romances, entregar-vos como talvez ele se entregue, á musica e ao canto, saborear o prazer subido da conversa e da discussão serena e despreocupada, tratar com mimo e com a majia de vossas mãos femininas as flores de que mais gostais! E quando tiverdes o desejo do ar livre e puro, do sol brilhante e das belezas da natureza selvagem, de nada vos arreceis: saí de vossa casa com vosso marido, diriji-vos aos campos, aos montes ou ao mar e aí dai satisfação plena aos vossos belos desejos: correi, saltai juntamente com o vosso companheiro; abri bem os vossos pulmões, gritai com tanta força vos for possivel, bebei agua nas fontes dos caminhos, que a saude e a alegria de vossa vida maior se tornará; sêde bravias, ousadas como pombos selvagens, e, aos pares, poitando aqui á sombra de um pinhal, debruçando-vos alem sobre as marjem de um regato, correndo acolá por sobre os montes, sereis como meigos caçais de pombos a quem são permitidos beijos e abraços dados apaixonadamente em plena natureza selvagem com a ternura

e com a ardencia de dois apaixonados eternos.

Vivei, vivei assim, sêde felizes. Esta é a vossa verdadeira juventude.

E quando, passados anos, vos sentirdes, não aborrecidas, mas sim, saciadas desta vida sempre livre, sempre alegre, sempre apaixonada, quando quizerdes experimentar novas venturas, o delicado enlevo de serdes mães, então sim, então deveis ter filhos. Porem, quando tomardes esta resolução, quando sentirdes em vosso ventre o primeiro fruto do vosso amor, não deveis supor que vai para vós começar a espição da vida de felicidade verdadeira de que vos saciastes. Não deveis tambem supor que apoz o primeiro filho outros se seguirão inevitavelmente em serie numerosa, roubando-vos a alegria, as forças, a saude.

Não! Não!

Podeis deliciar-vos com uma vida de amor alegremente despreocupada.

E quando mais tarde vierdes a sentir-vos saciadas de amor e de mocidade podeis deliciar-vos com os encantos de serdes mães sem que os tormentos de uma familia numerosa vos possam perseguir.

E quereis saber como tudo isto se consegue?

Como seja possivel uma vida de entusiasmado amor efetivado?

Como seja possivel ser-se mãe sem receio de ter muitos filhos?

Muito simplesmente: estudando e conhecendo os processos de evitar voluntariamente a procriação.

Gaspar Santos.
(estudante de medicina)

PELO MUNDO DA ARTE

TEATRO

Segundas nupcias, comedia burguesa em 4 actos, de Ramada Curto—Teatro Nacional.

De comedia burguesa classificou o autor a sua peça e não errou, porquanto as determinantes da ação nascem da preocupação mercantil, do dinheiro, e da exploração e insaciabilidade dum avarento e dum perdulario sem escrupulos.

Anjela (Augusta Cordeiro) filha de Jeronimo Silva (Inacio Peixoto) e de D. Mariana (Lucinda do Carmo) possuidora dalguma fortuna, casa em segundas nupcias com Antonio Sequeira (Antonio Pinheiro). Deste segundo casamento surjem todas as peripecias que enchem a comedia de Ramada Curto.

Antonio Sequeira, é um extravagante; beberrão e sem o menor senso moral, com um carater de rufião, explora, vive á custa dos sogros e o seu fito é

apanhar a massa aos velhos. Não trabalha; o seu tempo gasta-o pelos cafés, em companhia de toureiros de mulheres da vida e de cavalleiros que vivem de espedientes. Consequentemente não se importa com a mulher nem com os filhos que, se teem para comer e vestir, é á custa da mãe e avô. D. Mariana, que se empenha, que contrai dividas e até assina letras a ocultas do marido!...

O pae e avô, Jeronimo, dentro da sua sovínice, nem sequer suspeita do que succede, julgando que o genro ganhá dinheiro e sustenta a mulher e filhos.

A exploração dos velhos por parte de Sequeira e de Anjela é considerada por estes, na sua inconsciência moral, como um acto naturalissimo e que os velhos teem obrigação restrita, não fazem favor algum em lhes dar dinheiro e sustentá-los.

Daqui nascem as scenas realistas da comedia, algumas das quais muito bem traçadas e apresentadas, formando a peça.

O governo e os sindicalistas

Presos por vingança

No Limoeiro estão presos ha 23 dias, acusados de... agentes indirectos do "atentado", nove propagandistas.

Apezar de a policia de investigação criminal ter dado como concluidas as investigações sobre o atentado (?) de 10 do mez fiindo, entregando ao poder judicial o processo e os presos como fazendo parte do bando da bandeira negra, continuam no Limoeiro alguns propagandistas do movimento libertario e sindical. Estes nossos camaradas que foram presos por ordem do comandante da policia encontram-se entregues a esta autoridade ha 23 dias, e durante todo este tempo apenas foram chamados a auto de declarações, o que fizeram no dia seguinte á sua entrada no Limoeiro. As perguntas que a todos foram feitas, foram, *mutatis mutandis*, as seguintes: E' sindicalista? Partidario da ação directa? Onde estava na ocasião da explosão? Aprova o atentado?

Os interrogados deram todos identicas respostas, sem que nenhuma accusação directa ou concreta, lhes tivesse sido feita.

Desde então nunca mais se lembraram deles, a não ser dum ou outro que teem sido postos em liberdade, não obstante sobre todos pezar a mesma accusação de agentes indirectos do atentado, o que prova que o *órrível crime* que todos eles praticaram não é tão orrível como isso.

Ah! a moralidade da justiça Republicana!

Sabemos que aos camaradas presos á ordem do comandante da policia não se fará processo algum e serão postos em liberdade por conta-gotas á medida que o coronel sr. Alberto da Silveira o determine.

E' um processo de applicação de justiça completamente novo e simples de que a Republica Portuguesa tirou patente de invenção. Consiste esse processo em condenar sem julgar os individuos que não dão vivas e palmas aos governantes. Um ezeplmo, para melhor compreensão do processo: o governo quer vingar-se dum cidadão, manda o comandante da policia ordenar a sua captura, metem-no no Limoeiro, fazem-lhe uma accusação muito vaga, o comandante condena-o em X dias de prisão e no fim desse prazo põe-no em liberdade sem mesmo se encomodar a dar explicações. As vantagens deste processo e a sua

superioridade sobre todos os outros já conhecidos são enormes salientando-se a economia de despezas e de massadas judiciais e o do condenado continuar, apezar de tantos dias de prisão, a ter a sua folha corrida perfeitamente limpa.

E digam depois se as nossas autoridades e omens publicos não são idiotas, isto é, omens de grandes ideias.

E a Imprensa, o arauto da civilização, a alavanca do progresso, a melhor garantia da justiça social, o que faz? A noite na redação, em conversa, diz-se que é uma grande pouca vergonha, mas no dia seguinte o papel dá de chapa a noticia fornecida pela policia, quanto maior fôr melhor; mas para as reclamações dos perseguidos, das victimas alega-se sempre a falta de espaço. A imparcialidade e a lealdade jornalística consiste para ela em colocar-se sempre ao lado das autoridades cujas declarações são duma verdade incontrovertida. Mas dentre a charanga jornalística é de justiça distinguir o *Diario de Noticias*, o *Intransigente* e o *Socialista* que se teem portado com uma imparcialidade pouco vulgar nesta questão, não se furtando a dar em suas culunas cabimento ao que os presos julgam dever dizer de sua justiça.

Damos a seguir uma carta que os nossos companheiros enviaram á imprensa e que apenas no *Socialista* foi publicada na integra, dando o *Diario de Noticias* e a *Capital* os periodos principais.

Dos sinatarios da carta, o companheiro Fernando Gomes já foi posto em liberdade.

Sr. redactor.—No dia seguinte á explosão da bomba da rua do Carmo quasi toda a imprensa de Lisboa, verberando essa monstruosidade com uma indignação nem mais intensa nem mais sincera que a nossa, pediu o mais severo castigo para o auctor ou auctores de tão deshumano e revoltante atentado, exprimindo ao mesmo tempo os seus votos por que a verdade fosse nitidamente apurada, afim de que não fossem innocentes sofrer as consequências de um acto que não praticaram.

A mesma prudencia e ponderação nas medidas repressivas foram pedidas no parlamento ao governo, afim de que individuos ilibados de toda a culpa não fossem sacrificados pela severidade das diligencias policiaes.

Esse seria e será, evidentemente e indubitavelmente, o desejo de toda a gente de coração e de inteligencia a quem o sectarismo rancoroso que por aí campeia não tenha embotado ainda por completo o instintivo sentimento de lojica e de justiça.

Com efeito; que pode lucrar a sociedade com o castigo de

criaturas innocentes, com a condenação de individuos que não contribuíram para a pratica de um tamanho barbarismo, que repugna á sua inteligencia e ao seu carácter e que eles repelem com toda a sua inerjia?

E quem pode desejar ou estar de acordo em que se persiga e se queira dar como culpados determinados individuos apenas porque os criminosos pertencem á mesma coletividade ou agrupamento politico ou se dizem partidarios e defensores das mesmas ideias, quando não se prova que esse atentado resultasse duma determinação dessa coletividade ou agrupamento politico?

Ninguém, por certo, e se ha alguém que de maneira diversa pense e queira, esse alguém não é menos selvagem nem menos repelente do que aquele ou aqueles que, com o seu desvairado ato, vitimaram pessoas que nenhuma responsabilidade tinham nas violencias governamentais que ezasperaram os seus animos, ou na miseria que desvairou o seu cerebro, armando criminosamente o seu braço.

No entanto, sr. redactor, o que se está passando leva-nos a crer que o governo pretende — numa abil manobra politica, que a ser consentida envergonhará e deprimirá no estrangeiro não um rejimen mas todo um povo — responsabilisar pelo atentado alguns dos elementos operarios que teem discutido e criticado, no uso dum direito que as leis do paiz lhes conferem, os actos do governo, os seus diplomas lejislativos e as suas opiniões, e que professam ideias que, como o sindicalismo e o anarquismo, conquistaram já nos paizes cultos fóros de cidade, e que teem como espositores e apóstolos homens da maior envergadura moral e da maior consideração intelectual do mundo inteiro.

Doutra fórmula não se pode explicar que se conservem presos no Limoeiro onze propagandistas, tendo-se posto em liberdade muitos outros sobre quem pesavam identicas accusações, a quem foram feitos os mesmos interrogatorios e a quem deram as mesmas respostas.

E a convencer-nos mais deste proposito existe a declaração feita pela autoridade á mulher de um dos presos de que seu marido já ha muito devia estar preso por falar em comícios, mas que só agora *calhára*; e ainda o facto edificante de se pretender agora envolver os operarios Carlos Rates e Antonio Henriques — os dois militantes sindicalistas que foram presos ha dois meses no Funchal quando ali foram no 1.º de maio, a convite dos trabalhadores madeirenses, confraternizar com eles como representantes dos trabalhadores do continente e que estavam acusados de *vadios* — de se pretender envolver esses operarios

no atentado, como instigadores, pela propaganda sindicalista que desenvolveram anteriormente á sua prisão!

Mas onde e quando os que firmam esta carta proferiram ou escreveram frases em que se instigasse a cometer um acto tão selvagem como o que justamente indignou o paiz no dia 10 do corrente? Nunca, sr. redactor.

O que os propagandistas, pela pena ou pela palavra, predicaram sempre como resistencia ás violencias do governo — que tanto se tem evidenciado na obsecação de aniquilar a organização sindical operaria — foi a solidariedade do operariado organizado para um protesto que eloquentemente traduzisse, pela consciencia e força que revelasse, o seu mais profundo descontentamento pela forma como o governo o estava oprimindo, insultando e provocando.

Nenhum prejuizo desse protesto resultaria para o paiz ou para a Republica porque ha de ser pelo seu espirito liberal que aquele se dignificará e que esta se ha de tornar respeitada.

Demais, sr. redactor, se o governo previa que a nossa propaganda daria como resultado o atentado do dia 10, visto que o julga efeito dessa propaganda, porque não evitou aquele doloroso e trajico acontecimento chamando á responsabilidade os jornalistas e os oradores do movimento operario no momento em que eles instigaram, falando ou escrevendo, o povo a atos de terrorismo?

Para que servem as varias leis que regulam o direito de expressão de pensamento e em que ha disposições coercitivas para a propaganda subversiva?

Como tudo isto, sr. redactor, é misterioso, ilojico e escuro!

E não haverá neste paiz quem ezija luz sobre o caso, quem desvende o misterio?

Dos seus sentimentos de justiça e de lealdade, sr. redactor, esperamos que a este grito de homens honrados a quem querem manchar o que mais prezam — o seu carácter — seja dada publicidade no seu jornal, pelo que sumamente gratos nos confessamos.

Cadeia do Limoeiro, 25-6-913.

Alexandre Assis, Alexandre Vieira, Antonio Henriques, Artur Parente, Carlos Rates, Evaristo Esteves, Henrique Moraes, Fernando Gomes, João Caldeira, José Maria Gonçalves e Pinto Quartim.

Os nossos amigos teem sido muito visitados, especialmente aos domingos em que a prisão se enche de familias e de companheiros de luta que assim vão levar-lhes um bocadinho de conforto, alegrando-os com as suas visitas.

Le Syndicalisme

et la

Prochaine Révolution

E' este o titulo do livro que acabamos de ler. Livro magnificamente escrito com claresa, isento de rodeios e de fraseologia balôfa, sem termos incompreensíveis de especialidade científica e nestas circunstancias perfeitamente acessível a todos aqueles que tenham a felicidade só de saber um pouco de francez.

Diremos mesmo que é um verdadeiro livro de propaganda sindicalista revolucionaria.

O seu autor Dufour, ex-professor de economia política pretendeu, como diz no prefacio, fazer uma obra didatica. «O Sindicalismo e o movimento revolucionario contemporaneo não acharam ainda uma obra que os espozesse em conjunto, nas suas aspirações.» E' isso que o autor tenta fazer. Não haja duvida que o consegue. Espõe a causa da revolução economica que se prepara na Europa e na America, o objetivo que ela se propõe realizar e as forças com que conta para tal fim, apesar de todas as resistencias opostas pelos dirigentes. Mostra a significação do anti-estadismo, do anti-militarismo, e do anti-patriotismo, doutrinas estas que espantam os não iniciados.

Não sabemos senão recomendar, sobretudo aos que começam nestas questões, este livro magnifico e recentemente publicado. Como defeitos apenas lhe apontamos a ausencia de bibliografia de que por certo o autor se serviu para a sua esposição.

E resumindo: *Le Syndicalisme et la Prochaine Revolution* de Dufour, do editor Marcel Rivière, 31, rue Jacob, Paris, ao preço de 6 francos, é uma obra util e necessaria para todos os nossos camaradas avidos de estudar e conhecer as verdadeiras causas da *miseria universal*.

Eis porque o recomendamos.

Transcrevemos o prefacio.

«O socialismo é a doutrina daqueles que profetizam que as sociedades da Europa e da America estão nas vespas duma revolução economica que suprimirá a direção patronal da produção social, bem como a propriedade privada e que instaurará em seu lugar a direção sindical de todas as industrias com a propriedade social do sólo e da materia industrial.

Para se formular uma semelhante afirmação é preciso satisfazer ás condições seguintes. Em primeiro lugar devemos mostrar qual é a causa inicial duma tal revolução, porque, evidentemente, se todas as sociedades conhecidas, viveram durante seculos sob o rejimen patronal e a persistencia desta

forma economica aparece, de repente, como impossivel, é porque interveiu um fator novo, duma importancia grande, que torna impraticavel o que não era hontem. Ora os socialistas estão perfeitamente aptos para satisfazer esta primeira condição. Este fator é o industrialismo moderno, que após um seculo da sua aparição, impõe necessidades tecnicas e economicas cada vez mais incompatíveis com a direção patronal da produção social.

Em segundo lugar, deve-se poder estabelecer que esta revolução está em via de preparação. Com efeito, para que uma semelhante mudança possa efetuar-se, é preciso que a mentalidade das massas sofra primeiro uma profunda transformação; é preciso que uma forte minoria do publico chegue a reconhecer, que é ao mesmo tempo necessario e possivel suprimir o rejimen economico atual e instaurar um novo.

Os socialistas podem facilmente estabelecer a existencia desta preparação. A luta entre a classe operaria, os patrões e o Estado que dura ha já perto dum seculo e que se vai constantemente agravando, a organização sindical que os trabalhadores conseguiram levantar em todos os países da Europa e da America apesar da resistencia dos dirigentes, provam que uma grande parte da classe operaria está completamente modada e que ela acredita na possibilidade de suprimir a direção patronal e instaurar uma nova maneira da produção social.

Em terceiro lugar é preciso ainda poder indicar que especie de organização economica deve substituir o rejimen atual, porque numa sociedade em via de transformação, as instituições novas destinadas a substituir as antigas, quer elas sejam de ordem economica, religiosa ou politica, não aparecem subitamente, e antes se elaboram e se precisam pouco a pouco permitindo presentir, o que serão, muito tempo antes do seu completo desenvolvimento.

Ora os socialistas encontram-se em via de desempenhar esta condição. O estudo dos sindicatos, das federações e da Confederação Geral, creados espontaneamente pelos trabalhadores mostra que estas instituições estão aptas a servir de organ de transição para passar do rejimen atual ao rejimen novo e que tomarão a direção de todas as industrias no lugar dos patrões e das sociedades anónimas, dando-lhes o desenvolvimento que em si comportam. Finalmente, devemos tambem poder precisar os meios que serão capazes de quebrar a resistencia que o Estado está pronto a opôr a toda a tentativa de revolução, pois que após o inicio do industrialismo moderno, o Estado não é

como outrora o representante dos interesses da coletividade, mas o defensor esclusivo dos privilegios da classe patronal. Nesse ponto ainda os socialistas podem dar satisfação aos seus adversarios. Eles contam fazer a revolução por ocasião duma guerra europêa que provocará uma crise intensa de miseria e que reduzirá ao minimo as forças coercitivas do Estado, empregando como meio a greve geral, a violencia sob todas as suas formas e a deserção duma parte do exercito, deserção esta que a coincidência da guerra com a revolução torna certa.

PERGUNTAS INOCENTES

O *Revolucionario*, semanario republicano radical, e propriedade de um grupo de revolucionarios, fazia no seu numero correspondente a 22 do corrente as seguintes perguntas inocentes:

—Porque será que o sr. Jaime Tavares (*Kader*) grande propagandista e escritor anarquista, está tão democratico?

—Qual das suas convicções poderá ser tomada como sincera?

—Seria por reconhecer o *fiasco* que rezultou do assalto ao teatro Ginasio, que o agente Ferraz, conhecido pelo *Cóco*, ou o barba loura, da *formiga branca* da policia *reservada* do sr. Governador Civil, fez espalhar pelos amigos e subordinados, como palavra de passe, que o referido assalto foi obra dos sindicalistas?

—Será verdade que um cidadão a quem o *Cóco* deu tal ordem, para ser espalhada na opinião publica, lhe observou que isso era uma infamia, obtendo como resposta *que era preciso* para se salvarem, e que o povo ingenuo tudo acreditava?

—Será por ter agentes destes, á sua ordem, que «O Mundo» ha tempo, vinha incitando e continua a incitar o odio do povo contra sindicalistas e anarquistas?

—Porque será que o mesmo jornal não diz ao povo o nome dos antigos propagandistas dessas ideias, agora tão combatidas, a quem se deve em parte o seu desenvolvimento?

—Será por entre eles figurarem os srs. Carlos Olavo, Ramada Curto e Tomaz da Fonseca, que pela primeira vez que entrou n'essa redação vinha de fato de brim e sem gravata, que ele considerava um simbolo de escravidão, e que nenhum homem livre digno d'esse nome, devia uzar?

—Que diria do assalto ao Kiosque Elegante, mais conhecido pela designação inventada pelo juiz Veiga, de *Boia* o celebre anarquista, anti-militarista e jornalista José do Vale?

—Porque será que a policia que andou há tempo, a rasgar uns *placards* em que se aconselhava o povo a não pagar o aumento com que a maioria dos senhorios o mimosiára, ainda não rasgou o que está no Rocio, incitando a guerra aos sindicalistas e anarquistas?

—Será por haver interesse na continuação desta *fita*, visto a dos conspiradores, já estar gasta, por o povo vêr a escandalosa proteção que eles continuam a gosar, e para lhe desviar as atenções do que se passa na politica nefasta e perigosa que se está fazendo?»

Raios nos partam se compreendemos o alcance destas perguntas.

Gratificavamos bem quem nos soubesse responder a elas; talvez que assim se podesse saber porque a policia ainda não encontrou o misterioso autor do barbaro atentado.

Movimento libertario

FRANÇA

O congresso anarquista.—

A comissão organizadora distribuiu a seguinte circular:

«Camarada»

A Federação Anarquista Comunista, os grupos de *Les Temps Nouveaux*, os órgãos anarquistas *Libertaire*, *Temps Nouveaux* e *Réveil Anarchiste Ouvrier* tomaram a iniciativa de reunir em 15 e 17 de agosto proximo, em Paris, um congresso anarquista comunista. Não necessita de ser demonstrada a utilidade de tal manifestação.

Uma audaciosa reação, não se limitando já a defender os privilegios adquiridos, pretende restingir ainda as raquíticas liberdades arrancadas á opressão governamental. O capitalismo reúne todas as suas forças para despedaçar a organização operaria. Importa que uma mais perfeita coesão dos nossos esforços torne mais vigorosa a nossa resistencia e venha aumentar a força da nossa propaganda e da nossa ação.

Já se faz sentir de todos os lados um despertar da atividade anarquista. Estreitar os laços entre os militantes que, por todo o territorio, combatem pela nossa causa; permitir uma frutuosa troca de ideias; precisar o pensamento anarquista, formulá-lo com clareza para depois o espalhar na massa popular, tal é a tarefa que o Congresso Anarquista pode realizar.

Foram postas na ordem do dia as questões seguintes, cuja importancia primordial para o nosso movimento é evidente:

1.º—A organização dos anarquistas.

Os meios de ação e de propaganda.

2.º—A luta contra o militarismo.

3.º—O sindicalismo e os anarquistas.

A greve geral.

4.º—A ação antiparlamentar.

5.º—Os desvios. A reprise individual.

A mania científica.

6.º—Questões diversas. A educação da infancia, o auxilio mútuo, o proximo Congresso Internacional.

Sobre cada um dos assuntos indicados serão feitos relatorios, que servirão de base á discussão.

Incitamos desde já os camaradas e os grupos a estudarem estas questões e a examinare as observações e propostas que julguem dever apresentar ao Congresso.

O Congresso é aberto a todos os grupos que defendem as ideias anarquistas, comunistas. São igualmente admitidas as adesões individuais dos camaradas conhecidos pelos organizadores.»